

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

O ENDERÊÇO PARA HOJE, ÀS 18 HORAS:

33 pintores espanhóis no Museu de Arte Moderna

O Museu de Arte Moderna do Rio abre as suas portas hoje às 18 horas para mostrar ao público da capital da República um soberbo conjunto de mais de cem telas de 33 pintores espanhóis, criadores de um dos mais vigorosos movimentos de renovação pictórica da atualidade, iniciado praticamente em 1948 em Barcelona com o famoso grupo Dau al Set. Todo o andar térreo da instituição foi cedido para dar maior destaque a esta mostra oficial da Espanha, a primeira que aquêle país envia ao exterior com tamanha ênfase qualitativa e quantitativa, exclusivamente com a vanguarda das muitas tendências da arte não figurativa.

A mostra é defendida pelos trabalhos de Alcoy, Basterrechea, Canogar, Ciruelos, Cuixart, Curós, Farreras, Feito, Guinovart, Llorens, Mampaso, Manrique, Povedano, Rafols Casamada, Ramo, Rivera, Rueda, Hernandez Pijuan, Labra, Lago Rivera, Mier, Muñoz, Nieva, Planasdura, Planel, Sota, Suarez, Tharrats, Vela, Victoria, Vila Casas, Viola, Zobel.

O "ITINERÁRIO" EM SÃO PAULO

Há uma certa expectativa e muita curiosidade a respeito dos nomes que seriam indicados para a sucessão da Diretoria do Museu de Arte Moderna de São Paulo que, como se sabe (já comentamos o fato nesta coluna) divergências diversas levaram a Diretoria anterior a demitir-se. O sr. Francisco Matarazzo Sobrinho encontra-se praticamente só à frente da instituição de que é criador e maior entusiasta, e sobre seus futuros colaboradores nada se pode dizer. Tem-se como certa a escolha de Paulo Mendes de Almeida. E os outros? Quem serão os novos responsáveis pelo Museu que instituiu a Bienal de São Paulo? Aguardemos.

Expõem atualmente na Galeria São Luis, na rua do mesmo nome, Marcelo Grasmann e Arnaldo Pedrosa d' Horta, ambos com uma coleção de desenhos sobre o mesmo assunto: pássaros. Pedrosa d' Horta abandona (provisoriamente?) os rendilhados para enfrentar um motivo, e desta experiência sobra apenas a maneira, o jeito de fazer. Seus pássaros são silhuetas de pássaros que servem de pretexto para serem preenchidas com achurias, retículas e tessituras em que ele vem se esgotando há já algum tempo. Grasmann, entretanto, consegue manter uma certa vitalidade, um temperamento, que a virtuosidade dessas variações sobre um mesmo tema não logra apagar. A série de pássaros que desenhou é quase um exercício de desenho, nada acrescentando de novo à obra do detentor do prêmio de "melhor desenhista nacional" do Ibirapuera. E, claro, a desenvoltura de "métier" que o caracteriza.

Além da Bienal, que é um constante estímulo, São Paulo nos deu esta semana o privilégio de rever o nosso grande Osvaldo Goeldi, que Joaquim Tenreiro expõe com carinho na sua galeria da Rua Augusta. Já conhecíamos o conjunto no Rio. O mestre da gravura brasileira mostramos os seus últimos trabalhos, uma série de trinta xilogravuras em que permanecem vivos e evidentes o fabuloso "métier" de Goeldi e a sua extraordinária sensibilidade. A inauguração da mostra — dizem — foi pouco concorrida, inclusive pelos artistas (notou-se a presença de

CURSO DE SILK-SCREEN NO MUSEU

A partir do dia 1.º de dezembro, terça-feira, às 17 horas, conforme noticiamos, o Museu de Arte Moderna do Rio iniciará um curso técnico e prático de impressão em silk-screen ou serigrafia, todas as terças e sextas-feiras, com duas horas de aula, concluindo no dia 29. O programa é o seguinte:

1.ª aula — Conversação e contacto com os alunos do curso (a cargo do sr. Giacomo Forti). 2.ª aula — Resenha geral sobre os processos de reprodução (a cargo do engenheiro sr. Guilherme Marconi, diretor-técnico da Rio Gráfica e Editora). 3.ª aula — Introdução do Silk-Screen (a cargo do sr. Giacomo Forti). 4.ª aula — Primeiras noções práticas do processo Silk-Screen (a cargo do sr. Giuliano Rebelli, diretor-técnico da Biuti-Silk-Screen S.A.). 5.ª aula — Aplicação prática do processo (a cargo do sr. Giacomo Forti). 6.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª e 10.ª aulas — Reprodução (a cargo do sr. Giacomo Forti). Preço do curso: Cr\$ 800,00.

O Museu lembra a necessidade de serem reservadas as inscrições com certa antecedência, pois há limite de vagas. As inscrições no horário de 12 às 19 horas se prolongarão até o dia 30 do corrente.

Grasmann, Lolo Pérsio e Sued) mas a importância do acontecimento não foi esquecida pela boa crítica, levando mesmo Sérgio Milliet a sair do mutismo a que se obrigou voluntariamente para homenagear em belo artigo no Estadão a presença de Goeldi em São Paulo. Aos nossos leitores da Paulicéia lembramos que é quase obrigatória uma visita à exposição de Goeldi, pela importância excepcional deste artista em nosso mundo gráfico, e o mesmo lembrete (e pela mesma razão) estendemos aos colecionadores, que aí têm uma oportunidade pouco comum de incluir Goeldi em suas coleções (se ainda não o possuem). A grande gravura verdadeiramente.

A Galeria das Fôlhas expõe atualmente, dentro do ciclo de mostras coletivas que vem realizando ininterruptamente e que concorrerão ao Prêmio Leiner, trabalhos de Giselda Leiner, Tomie Otaka, Hércules Barsotti, Willys de Castro e Maria Leontina. Tendências diferentes e níveis diferentes. Giselda Leiner, que se inicia na pintura, é uma surpresa agradável para os que a conheciam apenas como desenhista e gravadora, pois revela uma sensibilidade de cor e um temperamento poético (socorrido às vezes por soluções puramente literárias) que se não superam pelo menos escondem a fragilidade de recursos usados e abusados. Apesar do tratamento banal da figura e apesar da desnecessária importância dada ao tema esta pintora que se inicia demonstra um certo refinamento tonal, uma constante lírica, que nos leva a esperar o surgimento de uma personalidade autêntica.

Por outro lado, Tomie Otaka, pintora do grupo japonês de São Paulo a que já nos referimos nesta coluna, poderia servir de paralelo a Giselda Leiner, apesar da sua mais larga experiência e apesar de exercitar a pintura dentro da concepção não-figurativa. Como a primeira, esta artista salva-se sobretudo por uma visão lírica do mundo. O informal das suas composições não são um desenvolvimento pessoal, íntimo e necessário, mas o resultado de influência e de escola. Suas telas, excessivamente trabalhadas, demonstram um cerceamento da espontaneidade que deveria conter por motivo da própria tendência da sua pintura. Otaka lembra-nos muito de Mabe e até mesmo de Lolo Pérsio da última fase, com a procura de pátinas e texturas, o que não deixa de ser boa influência.

Willys de Castro e Hércules Barsotti são os dois concretistas (ou quase) desta exposição. O primeiro persiste em soluções de ordem formal em que dificilmente consegue novidade, introduzindo, entretanto, em algumas

telas o elemento cor (tão desprestigiado pelos seus cor-religionários, exceto Aloisio Aloisio Caryão) o que lhe garante um sentido poético e de espaço bastante agradável. Barsotti, que na V Bienal é dos poucos concretistas que arrostam a avalanche informal, deixa evidente com esta exposição de seus últimos trabalhos temperamento autônomo, amadurecido, enfrentando com desembaraço problemas de simultaneidade, ritmo, simetria, e conseguindo por vezes superar a frieza matemática com que os seguidores da mesma escola nos vinham fazendo sofrer há já bastante tempo. E' um exemplo válido para argumentar a tese (tão velha e tão pouco lembrada) de que anteriormente à teoria deve vir a obra e que aquela apenas serve para tornar explícita em linguagem racional e ordenada, embora precária, aquilo que a obra de arte exprime pela sua própria linguagem, e que de outra maneira seria inexprimível.

A quinta expositora desta série que ora se vê na galeria das Fôlhas é uma pintora de indubitável talento, fartamente provado, e cujo nome ninguém desconhece: Maria Leontina. Colorista excepcional, possuidora daquela força lírica que, através de várias fases da pintura ainda não se esgotou, dá ao conjunto das Fôlhas a marca de uma grande presença. Limitada por soluções geométricas que não lhe conseguem matar a espontaneidade poética, Maria Leontina deixa-nos entretanto a impressão de estar lutando por alguma coisa em que realmente não acredita, e faz-nos pensar em que uma certa rigidez nacional a que voluntariamente se obriga talvez seja uma violação da sua pureza emocional. Seus últimos quadros revelam porém uma sutileza e um refinamento cromático que, por algum tempo desprezado, voltam agora e se mostram como a sua maior qualidade.

A Galeria Ambiente apresenta esculturas e desenhos de um jovem artista italiano, Vangi, recém-chegado da Europa, recém-casado e interessadíssimo (diz ele) na movimentada arte brasileira, especialmente arquitetura. Ligado ao espacialismo inaugurado por Fontana, Vangi descende entretanto de uma família de escultores radicada na Itália cuja árvore genealógica seria impossível traçar de tão longa e ramificada. Suas obras possuem entretanto um certo interesse para nós, pelo fato de que a escultura provavelmente não tem sido o forte maior de nossos artistas. Equilibrada, hábil, de bom gosto, as peças que o moço italiano nos mostra se não possuem a marca da originalidade têm entretanto a segurança de "métier" e uma correção de desenho que não devem ser desprezadas. Composição em metal com agrupamento de cilindros (canos) cubos, retângulos e longos fios agrupados à maneira de tubos.

NOVOS PRÊMIOS DO SALÃO MODERNO

Além dos prêmios conferidos pelo júri do atual Salão Nacional de Arte Moderna, a Comissão Nacional de Belas Artes (corrente modernista) outorgou novos prêmios de aquisição (patrimônio do Mi-

nistério da Educação), com os recursos oficiais homologados pelo ministro Clóvis Salgado, os quais deverão ser publicados dentro de alguns dias pelo "Diário Oficial". São os seguintes os premiados:

Pintura

Lolo Pérsio	Cr\$ 40.000,00
Manoel Santiago	Cr\$ 50.000,00
Franck Scheaffer	Cr\$ 40.000,00
Ernani Mendes de Vasconcelos	Cr\$ 25.000,00
Carlos Magano	Cr\$ 25.000,00

Desenhos e Artes Gráficas

Rossini Perez (gravura)	Cr\$ 10.000,00
Anna Lelicia (gravura)	Cr\$ 10.000,00

Instituto de